

Polifonia e Jornalismo: Tentando Desconstruir a Ideia de “Imparcialidade” nos Jornais Pernambucanos à Luz de Bakhtin¹

Renan FRANZA²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre o caminho aceito pelo senso comum de imparcialidade jornalística, presente em diversas esferas da nossa sociedade e do campo da comunicação. Tomando como embasamento as ideias propostas pelo autor russo Mikhail Bakhtin, é possível notar que o jornalismo é feito a muitas mãos, por pessoas e consumido por outras pessoas. Dessa maneira, tentaremos, através do recorte de um mesmo fato dos três principais jornais de Pernambuco, mostrar que um texto jornalístico, por mais ilibado que seja de viés, opinião, rumo, perspectiva, etc, ainda possui influência da visão de mundo e de narrativas próprias do autor, ainda que de maneira inconsciente. Desta forma, o trabalho busca desconstruir a ideia de polifonia no jornalismo, tratada, em outros parâmetros, como imparcialidade.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Bakhtin; Imparcialidade; Polifonia; Comunicação

Resgatando conceitos para compreender o problema

Em seu extenso trabalho bibliográfico, Mikhail Bakhtin traz a perspectiva da polifonia, que de forma muito concisa pode se resumir ao poder do autor de qualquer texto, produto ou mensagem possa, de forma consciente e incontestável, dar voz a todas as personagens, de forma que uma não se sobressaia em relação às demais (Fiorin, 2011). Mais tarde, o russo define essa característica do texto polifônico por meio da síntese “vozes equipolentes” (Marcuzzo, 2008).

Vale lembrar que, ao resgatar as premissas de Bakhtin, não é desejável chamá-lo de teórico, muito menos analista do discurso, já que o autor não se prende a materialidade fixa, mas a conceitos móveis e com entendimentos que podem compreender diferentes significados em diferentes esferas. Muitas das ideias bakhtinianas, mais tarde, foram desenvolvidas por outros autores e transformadas em teorias sólidas.

Voltando ao tema, antes de nos aprofundarmos na polifonia, é necessário compreender também o dialogismo e as relações dialógicas traçadas por Bakhtin em sua

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE

obra. O dialogismo pode ser entendido como um desdobramento da linguagem, ou ainda a linguagem sendo posta em prática, já que língua e linguagem, para o russo, dizem mais respeito à ciência humana e à parte mecânica do processo do que o processo em si. O dialogismo nada mais é do que o pleno exercício da rotina comunicativa entre indivíduos na sociedade: falar, explicar e ser compreendido, ser ensinado e compreender, etc (Bakhtin, 1992). Para que o ciclo do dialogismo seja concluído, uma mensagem hipotética, para além da recepção, depende de uma interação da outra parte, ainda que esta não seja expressada verbalmente.

Para exemplificar esse processo: um leitor de jornal, em sua casa, lê um artigo de opinião, reportagem ou coluna e, para si, expressa uma série de reações, de forma inconsciente e involuntária, qualquer ela que seja: “absurdo!”, “entendi”, “interessante”, etc, já configura, nesta lógica, um processo dialógico. Ora, se o jornalista, repórter, colunista e articulista escreve um texto para ser lido, logo este é, automaticamente, parte do processo dialógico.

“A explicação implica uma consciência, um único sujeito; a compreensão implica duas consciências, dois sujeitos. (...) A compreensão sempre é, em certa medida, dialógica” (Bakhtin, 1992, p. 338).

Por mais que seja verdade que os textos jornalísticos estejam dentro da ideia de dialogismo, a recíproca não é verdadeira para a ideia de polifonia. Explico: Bakhtin, quando deu origem ao conceito, analisava os romances de Fiódor Dostoiévski, onde notou, nas obras de extrema profundidade do conterrâneo, que as personagens tinham uma igual importância no espaço-ficção dos textos, em um contexto de ambientação, enredo e construção de narrativa. Tomemos como exemplo o livro Crime e Castigo: não é que todos os personagens tenham a mesma importância na narrativa, mas aquele que narra a estória concede o mesmo espaço de fala aos personagens, em uma trama que tem começo, meio e fim, não deixando margem para réplicas e tréplicas. Ainda que deixasse, dentro dos limites das páginas da obra, a equipolência das vozes foi respeitada pelo autor. O mesmo pode em outros romances sendo possível de se alcançar por aqueles que construam textos com profundidade. O que torna isso possível, para os estudiosos da obra de Bakhtin como Paulo Bezerra, é justamente a delimitação do autor sob a consciência dos personagens, que têm personalidades definidas e construídas, que também começam e terminam, assim como o texto.

O autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como “consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” como a dele, autor (Bezerra, 2005, p. 195).

Expostos os conceitos acima, busquemos compreender se a polifonia e, por conseguinte, a imparcialidade, são praticáveis e alcançáveis fora da ficção, mais precisamente no jornalismo: em textos e espaços dentro da imprensa.

Polifonia, imparcialidade e jornalismo fazem parte do mesmo conjunto?

Agora, embarquemos na discussão do ponto de vista da comunicação. Se a polifonia é, em síntese, a ideia de igual poder de consciência e participação das vozes, em um diálogo/construção, logo, podemos associá-la à imparcialidade no jornalismo. Antes mesmo do estabelecimento concreto da mídia tradicional como a conhecemos no Brasil, os mais tradicionais tablóides, emissoras de rádio e TV “importaram” dos Estados Unidos e dos países europeus (Principalmente o Reino Unido) a máxima de que para se fazer jornalismo com credibilidade e qualidade, é necessário se ater aos fatos e ser imparcial.

Com a chegada da família real e surgimento da imprensa em 1808 (Fonseca e Corrêa, 2009) e ao longo de seus mais de 200 anos no país, a associação constante da imparcialidade como critério de qualidade jornalística se desenvolveu quase que exclusivamente como um ideal inconsciente para a sociedade como um todo. Aí é onde mora o problema: por mais que o jornalismo e os veículos de mídia ainda se vendam, muitas vezes como isentos de posicionamentos e ligados apenas aos fatos, sabemos que, diversos fatores impossibilitam que isso seja 100% verdadeiro.

De forma breve: os interesses comerciais do veículo e de seus sócios, a configuração editorial e peculiaridades de relações interpessoais entre imprensa/sociedade e da visão do mundo daqueles que exercem a profissão são apenas alguns dos fatores a serem levados em consideração na hora de afirmar com certeza sobre a sempre almejável “imparcialidade jornalística”.

Uma pontuação necessária a se fazer é que não atingir a isenção e imparcialidade, não necessariamente significa tomar um lado ou ser parcial. É uma linha muito tênue, e a própria percepção de parcialidade e imparcialidade pode partir da percepção do público-alvo do jornalismo: o consumidor. O jornalismo, ainda que não se deseje, parte de uma subjetividade muito grande, também fora do controle de quem o produz. “Todo fato é percebido e construído constantemente na recategorização dos objetos de discurso. (...) o mundo real depende dos nossos valores e vice-versa” (SILVA, 2006, p. 15, Apud Rosso e Ramires, 2012, p. 4).

A imparcialidade é um sonho possível?

Para tentar colocar em prática o conceito de imparcialidade no jornalismo, este artigo analisará os três principais jornais de Pernambuco e seus respectivos textos acerca de um mesmo tema: os 100 dias do governo Raquel Lyra. A escolha deste tópico se deu pela interessante variação na formatação das produções textuais e decisões editoriais de cada veículo, para tratar de um mesmo assunto em questão. A metodologia utilizada foi a de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2010). É importante citar que, para fins práticos, abordaremos apenas o conteúdo publicado e disponível nos respectivos portais de cada veículo, deixando de fora qualquer opinião ou texto que tenha sido publicado apenas nas versões impressas/digitais sobre o mesmo assunto. Aos exemplos (em ordem alfabética):

Diario de Pernambuco³

A matéria publicada no Diario de Pernambuco escolheu, como abordagem para tratar dos primeiros 100 dias do governo Raquel Lyra, a avaliação dos ex-candidatos ao governo, que disputaram com a gestora e então candidata em 2022. No texto, publicado exatamente no centésimo dia do governo, os entrevistados responderam à pergunta: “como você avalia os 100 dias de gestão de Raquel Lyra?”. Do ponto de vista jornalístico, ainda que todos os entrevistados tivessem o mesmo espaço de fala, fica claro que o posicionamento pessoal e político de cada um dá o tom na construção do texto. A matéria também ouviu a governadora Raquel Lyra e a vice-governadora, Priscila Krause. O formato e espaço, no entanto, não permitiram um aprofundamento na defesa das críticas e elogios feitos pelos ex-candidatos, mas possibilitou uma boa margem para que o leitor tirasse as suas próprias conclusões com base em diferentes pontos de vista. Outra questão a ser considerada é a escolha da imagem: uma foto da governadora sorrindo, o que, subjetivamente, pode significar a postura de neutralidade (não confundir com imparcialidade) do jornal em relação à atuação da gestora até aquele momento e também às críticas e elogios posicionados ao longo da reportagem.

Folha de Pernambuco⁴

A Folha seguiu uma perspectiva diferente, a começar pelo volume: foram dois textos publicados sobre o tema. O primeiro deles, publicado no centésimo dia da gestão Raquel Lyra, ouviu dois cientistas políticos sobre o tema. Um deles (Elton Gomes) com um ponto de vista positivo sobre o primeiro momento do mandato, e o outro (Antônio Henrique Lucena) com críticas e ressalvas, para fazer o contraponto jornalístico. O texto é curto e foca apenas na opinião dos especialistas em um contexto mais geral, o que impossibilita um maior aprofundamento, mas dá margem ao leitor para buscar suas conclusões e buscar mais sobre o tema.

No segundo texto, decorrente de uma entrevista realizada na Rádio Folha 96.7 fm (braço de rádio que integra o jornal Folha de Pernambuco) publicado dois dias depois a ex-deputada federal Marília Arraes, que disputou o segundo turno das eleições de 2022 com a governadora Raquel Lyra, expõe a sua opinião sobre os 100 dias de gestão com diversas críticas ao trabalho da Chefe do Executivo.

Jornal do Commercio⁵

³ Esclareço que o texto publicado no Diario de Pernambuco é de minha autoria. Durante esta análise, tentarei ao máximo fazer com que este fato não influencie no tópico central da publicação.

⁴ Textos completos disponíveis em:

<<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/a-analise-dos-cientistas-politicos-dos-primeiros-100-dias-do-governo-raquel-lyra/36430/>> Acesso em 20 de jan de 2024. e

<<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/pernambuco-esta-parado-ate-hoje-diz-marilia-arraes-sobre-100-dias-de-gestao-de-raquel-lyra/36433/>> Acesso em 20 de jan de 2024.

⁵ Texto completo disponível em:

<<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2023/04/15440802-a-licao-dos-100-dias-do-governo-raquel-lyra.html>> Acesso em 20 de jan de 2024.

O Jornal do Commercio seguiu a linha opinativa, com duas publicações que utilizam os 100 dias do governo Raquel Lyra como gancho para diferentes temáticas. No artigo publicado no Blog de Jamildo, o colunista e editor Jamildo Melo cede espaço para a opinião do doutor em ciência política Vanuccio Pimentel. O autor do texto destaca a relação institucional conflituosa da governadora com a Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe) no momento e faz um comparativo histórico com governos anteriores para fazer críticas à postura política de Raquel Lyra. Como toda e qualquer opinião, fica implícito que o posicionamento em questão não é do jornal, e que a conclusão do leitor deve ser alcançada junto à soma de outras perspectivas. É interessante observar que a escolha da imagem pelo autor corrobora com o seu posicionamento crítico à governadora e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, expostos posteriormente na publicação.

Considerações finais

Analisando as publicações ponto a ponto, fica claro e reiterado que a presença da polifonia bakhtiniana e da imparcialidade em si, não são praticáveis no jornalismo, já que a ótica das análises e conteúdos em si partem de pontos de vista diferentes, respeitando as peculiaridades editoriais, formatos e gêneros textuais, visão de mundo dos autores e outros contextos externos alheios ao exercício do jornalismo. A abordagem de cada autor parte de um ponto de vista diferente, expondo diferentes problemáticas e gerando diferentes conclusões. Ainda que, à sua maneira, os três veículos tenham dado espaço para diferentes interpretações (dentro de cada escolha de narrativa) a equidade na ponderação de narrativas não é alcançável, já que demanda coisas inalcançáveis do ponto de vista humano, mercadológico e jornalístico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: Brait, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, Carol. **A análise dos cientistas políticos dos primeiros 100 dias do Governo Raquel Lyra**. Pernambuco: Folha de Pernambuco, 2023. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/a-analise-dos-cientistas-politicos-dos-primeiros-100-dias-do-governo-raquel-lyra/36430/>> Acesso em 20 de jan de 2024.

BRITO, Carol. **"Pernambuco está parado até hoje", diz Marília Arraes sobre 100 dias de gestão de Raquel Lyra.** Pernambuco: Folha de Pernambuco, 2023. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/pernambuco-esta-parado-ate-hoje-di-z-marilia-arraes-sobre-100-dias-de-gestao-de-raquel-lyra/36433/>> Acesso em 20 de jan de 2024.

CASTILHO, Fernando. **LIVRO AZUL: Aos 100 dias de governo, Raquel Lyra recebe relatório de quase 1.000 páginas da equipe.** Pernambuco: Jornal do Commercio, 2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jc-negocios/2023/04/15437839-livro-azul-aos-100-dias-de-governo-raquel-lyra-recebe-relatorio-de-quase-1-000-paginas-da-equipe.html>> Acesso em 20 de jan de 2024.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2011.

FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito e CORRÊA, Maria Letícia. **200 Anos de imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

FRANZA, Renan. **Cem dias de Raquel Lyra no Governo de Pernambuco: Ex-candidatos avaliam desempenho da gestão.** Pernambuco: Diário de Pernambuco, 2023. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2023/04/cem-dias-de-raquel-lyra-no-governo-de-pernambuco-ex-candidatos-avalia.html>> Acesso em 20 de jan de 2024.

MARCUZZO, Patrícia. **Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin.** Porto Alegre: Cadernos do IL, 2008.

PIMENTEL, Vanuccio. MELO, Jamildo (org). **A lição dos 100 dias do governo Raquel Lyra.** Pernambuco: Jornal do Commercio, 2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2023/04/15440802-a-licao-dos-100-dias-do-governo-raquel-lyra.html>> Acesso em 20 de jan de 2024.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e SACRAMENTO, Igor (org). **Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia.** São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.